



# CONCEPÇÕES ESTRATÉGICAS DE ANDRÉ BEAUFRE

Geraldo da Fonseca

*Capitão-de-Corveta Intendente de Marinha da Turma 7 Jan 59, promovido ao posto atual em 31 Ago 73.*

*Possui os cursos da Escola Naval, de Aperfeiçoamento de Oficiais Intendentes, "Foreign Officers Supply Course" (Georgia, E.U.A.), "Functional Supply Course" (Flórida, E.U.A.) e "Inventory Control Point Operations" (Pensilvânia, E.U.A.).*

*Foi Chefe do Departamento Financeiro e do Departamento Comercial do Serviço de Reembolsáveis da Marinha e Vice-Diretor Interino do mesmo Serviço.*

*Atualmente é aluno do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval.*

## INTRODUÇÃO

O General André Beaufre deixou o serviço ativo do Exército francês em 1961 e foi diretor do Institut Français d'Études Stratégiques em Paris. Erudito analista político-militar, escritor consumado e grande estudioso da estratégia e da história militar, foi representante francês no Grupo Permanente da Organização do Tratado do Atlântico Norte, em Washington (D.C.). Antes disso, fora Chefe de Seção de Logística e Administração do QG Supremo das potências Ocidentais na Europa. Durante a crise de Suez em 1956, foi comandante das forças francesas, tendo participado ainda das campanhas da Argélia e da Indochina. Durante a 2ª Guerra Mundial, serviu nas forças regulares francesas e na Resistência. Morreu em 1976, deixando inestimável bagagem de conhecimentos e ensinamentos sobre estratégia moderna, aplicáveis tanto à guerra convencional, quanto à ameaça de guerra nuclear que paira sobre o mundo de hoje.

## ESTRATÉGIA E SUA DEFINIÇÃO

Tomando, como embasamento de suas idéias, os conhecimentos históricos, Beaufre analisou em seu livro "Uma Introdução à Estratégia", as diversas fases históricas da Estratégia. Essa análise evidencia o apogeu das concepções de Clausewitz, o fracasso criado pelo emprego dessas mesmas concepções em 1915, durante a Grande Guerra, fazendo com que a Estratégia caísse na descrença dos estudiosos da guerra e, finalmente, apresenta o advento atômico e as campanhas da Indochina, do Egito e da Argélia como marcos de um novo florescimento da Estratégia.

Ainda como fruto de meditação sobre as idéias do passado, Beaufre aperfeiçoou as definições de Estratégia atribuídas a Clausewitz e a Liddell Hart, definindo a antiga "arte do general" como sendo "a arte de aplicar a força de tal modo, que preste a maior contribuição possível à consecução dos fins estabelecidos pela diretiva política", ressaltando que a força aplicada pode ser de natureza econômica ou psicológica e não necessariamente de natureza militar.

## MODALIDADES ESTRATÉGICAS

Beaufre concebeu a Estratégia em duas modalidades: a direta e indireta. A primeira se refere à aplicação da força militar tradicional, inclusive as armas nucleares e a ameaça de seu emprego. A segunda envolve o emprego dos meios diplomáticos, políticos e econômicos, bem como as ameaças da guerra fria e as operações de guerrilha.

## ELABORAÇÃO DO PLANO ESTRATÉGICO

Para a adoção de uma estratégia contra o inimigo, Beaufre recomendava que na elaboração do plano estratégico fossem previstas as reações adversas possíveis, frente a cada uma das ações consideradas no plano. Essas ações podem ser internacionais ou nacionais, morais, políticas, econômicas ou militares. O plano estratégico, segundo Beaufre, de acordo com os meios relativos dos dois adversários, se orientará por diversos modelos, dos quais os mais característicos são:

*Ameaça direta.* Esse modelo é aplicável quando se dispõe de amplos meios e o objetivo é limitado. A simples ameaça do uso dos meios pode levar o inimigo a aceitar as condições que se lhe querem impor. Seria um caso de modalidade direta.

*Pressão indireta.* Aplicável quando o objetivo é limitado e os recursos não são suficientes para constituir uma ameaça decisiva. Caso de modalidade indireta, muito empregado pela estratégia soviética sob a capa protetora da coexistência pacífica.

*Série de ações sucessivas.* Quando o objetivo é amplo, mas com estreita margem de liberdade de ação e os meios são limitados. Combina, segundo seja preciso, a ameaça direta com a pressão indireta, podendo o caso ser classificado como de modalidade direta ou indireta. Modelo empregado por Hitler, de 1936 a 1939.

*Luta Prolongada e de baixa intensidade militar.* Quando os recursos são pequenos, mas há grande liberdade de ação. Caso de modalidade indireta, sendo Mao Tsé-Tung seu principal teórico.

*Conflito violento, visando à vitória militar.* Quando se dispõe de amplos meios militares, cuja aplicação levará à decisão mediante um conflito violento e, se possível, curto. Caso de modalidade direta e representado pelo conceito de "batalha decisiva", tão preconizado por Clausewitz.

Em conjunto com as duas modalidades de Estratégia esses cinco modelos proporcionam uma base para o entendimento das várias categorias de Estratégia, pois, como acentua Beaufre "aparenta sobretudo o interesse de mostrar claramente a variedade de soluções entre as que a Estratégia há de saber eleger."

## SUBDIVISÕES DA ESTRATÉGIA

Dependendo da aplicação genérica ou específica da Estratégia, Beaufre estabeleceu a seguinte subdivisão, situada numa pirâmide:

*Estratégia total.* No vértice da pirâmide e, imediatamente subordinada ao Governo, é encarregada de conceber a direção da guerra total. Seu papel é definir a própria missão e a combinação das diversas estratégias dos campos político, econômico, diplomático e militar. É o que chamamos no Brasil, de Estratégia Nacional. Nesse nível estão situados os cinco modelos estratégicos apresentados por Beaufre.

*Estratégia Geral.* Em nível abaixo da Estratégia Total, tem a função de dividir e combinar as ações realizadas nos diferentes ramos da atividade de cada âmbito considerado, seja ele político, econômico ou diplomático. Podemos comparar essa subdivisão ao nosso conceito brasileiro de Estratégia Governamental.

*Estratégia Operacional.* Situada no nível mais baixo da pirâmide e no ponto onde se articula o conceito e a execução da Estratégia, ou seja, em cada ramo de atividade dos âmbitos militar, político, econômico ou diplomático. No Brasil, corresponderia à Estratégia Setorial, isto é, aquela empreendida por cada Ministério.

## ESTRATÉGIA TOTAL COMO CONJUNTO

Além de significar uma subdivisão da Estratégia, o termo Estratégia Total é enfocado por Beaufre como uma ampliação da concepção alemã de Estratégia Ampliada e ligado ao conceito de Guerra Total, em que combinam todas as formas de confrontação, englobando as duas Modalidades de Estratégia, direta e indireta.

Após o advento das armas nucleares e as experiências fornecidas pelos diversos conflitos regionais, como a derrota dos americanos na decisão da Guerra do Vietnam, apesar de militarmente superiores e a vitória da Argélia sobre a França, quando esta era infinitamente superior em meios militares, Beaufre concentrou seus estudos na apreciação do valor dos diferentes fatores que influem no jogo da guerra e de sua correta manipulação sob o ponto de vista psicológico. Assim, a Estratégia

Total, diferentemente da Estratégia puramente militar, no dizer de Beaufre, "manipula potencialidades (geralmente abstratas; prestígio, simpatias ideológicas, etc.) no tempo e praticamente num espaço difuso, em geral do tamanho do planeta todo".

## FATORES DOMINANTES DA ESTRATÉGIA MODERNA

Segundo Beaufre, três são os fatores que, combinados, dominam a estratégia moderna: o fator nuclear, o fator revolucionário e o fator de comunicação de massa.

O fator nuclear, que indicando antes o emprego das armas nucleares, evoluiu para constituir somente a ameaça do emprego dessas armas, constituindo-se na dissuasão nuclear. A estratégia de dissuasão nuclear também sofreu modificações, após ter sido verificada a sua aplicação específica e recíproca entre Estados Unidos e Rússia, sendo necessário criar um sistema de dissuasão que a tornasse efetiva em outras regiões do globo.

Cabe aqui observar que a implantação de um sistema de dissuasão nuclear mundial representaria um custo por demais oneroso para a potência líder ocidental, o que a obrigaria a repartir esse ônus com seus aliados. Isto tornaria vulnerável a atual política de não proliferação nuclear adotada pelos Estados Unidos, ao lado da qual Beaufre se alinhava, porém, cuidadosamente, preconizando a escolha de potências *responsáveis*, às quais seria concedida a exclusividade de possuir armamento nuclear e atribuído o direito de controle da proliferação nuclear. Entretanto, perguntá-riamos: 1º — Quem faria essa escolha? 2º — As potências de hoje e do futuro, se não escolhidas, conformar-se-iam com esse fato? Vê-se que o problema é delicado e de difícil solução.

Por outro lado, as conclusões de Beaufre mostram que "a dissuasão estratégica não protege nem dissuade o ataque convencional clássico", para o qual é preciso criar um tipo de dissuasão especial, apoiado na guerra clássica e que se combina com os procedimentos revolucionários, no estilo "chinês", com a organização de milícias populares ou no estilo "americano", com a ameaça do emprego de armas nucleares táticas. Beaufre defendia esse último estilo, pois, uma batalha tática nuclear seria tão custosa e desorganizada que ninguém poderia sustentá-la por muito tempo.

Mas Beaufre ainda assinalava a importância do efeito psicológico causado pela simples ameaça do uso da arma nuclear, seja ela estratégica ou tática e aí, aparece a influência exercida pela comunicação de massa, isto é, o rádio, a televisão e a imprensa, sobre a opinião pública mundial. Como o mundo está dividido em grandes potências de interesses opostos, o resultado final, no entender de Beaufre é que "as guerras modernas serão sempre limitadas. Serão limitadas porque não se pode dobrar forças muito grandes e ser exageradamente vitorioso". Citou como exemplo a consequência de cada vitória israelense sobre o Egito, que é a de atrair os soviéticos, criando uma situação pior que a anterior.

## CONCLUSÃO

Hoje, o que se observa é a continuação da corrida nuclear, em busca da supremacia na posse de armamento, que permita desferir o golpe decisivo. Entretanto, essa supremacia é desejada menos com o fim de usar as armas nucleares do que de poder ameaçar o adversário com a sua simples existência. Cresce a China como pólo oposto tanto aos Estados Unidos quanto à U.R.S.S., mas que, ao que tudo indica, prefere a adoção da técnica de guerras revolucionárias regionais, à ameaça frontal aos seus inimigos em potencial. Essa técnica é adequada à limitação de seus recursos econômicos e surte o efeito desejado, pela exploração da permanente luta de classes nos diversos países em desenvolvimento.

Assim, as guerras permanecem limitadas, apesar de se agigantar o fantasma da destruição total.

Só o futuro provará se a estratégia mundial evoluiu de acordo com as assertivas de Beaufre, inferidas com muita propriedade, tendo em vista observações sobre a conjuntura internacional. Se ele estava certo, ficaremos para sempre livres do holocausto nuclear.

Esperamos que, se fatos negativos surgirem, numa futura multipolarização do poder, não tenham peso maior do que o grau da lente usada pelo General André Beaufre na visão dos fatos do passado.

## BIBLIOGRAFIA

1. ÁLVARES, Obino L. *Estudos de Estratégia*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1973. 411 p.
2. BEAUFRE, André. *An Introduction to strategy*. Translated by Major General R. H. Barry. New York, F.A. Praeger, 1966. 138 p.
3. ———. *Estratégia da Ação*. Trad. por H. F. Arnizaut de Mattos. Rio de Janeiro, Bloch, 1970. 162 p.
4. ———. *Os princípios da Estratégia*. Conferência no Estado-Maior das Forças Armadas. Brasília, 4 nov. 1971.
5. ———. *A Estratégia Mundial*. Trad. pelo Vice-Almirante Herich Marques Caminha. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, 93 (10/12): 89-98, out/dez 1973. Conferência na Academia Diplomática de Lima, 1972.
6. BRASIL. Escola Superior de Guerra. *Manual Básico*. Rio de Janeiro, 1977.
7. BRASIL. Ministério da Marinha. Escola de Guerra Naval. ENG-215 — *Guia para Elaboração de Teses e Monografias*. Rio de Janeiro, 1975.
8. ———. *Leituras Selecionadas — Fundamentos da Estratégia VOL. II*. Rio de Janeiro, 1971. 303 p.